



Mulheres camponesas da Borborema: perspectivas e enfrentamentos *Women from Borborema: prospects and confrontations*

REIS, Eduarda Fernandes¹; MELO, David Marx Antunes de²; ARAÚJO, Albertina Maria Ribeiro³; FERNANDES, Leni Ribeiro⁴; SANTOS, Maria Gabriela Galdino⁵
¹UFPB, imbujurema@gmail.com; ²UFPB, davidatunes@gmail.com; ³UFPB, albertinari@hotmail.com; ⁴FEPI, lenifloral@gmail.com; ⁵UFPB, gabustr@hotmail.com.

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: Durante o período de luta Por uma Educação do Campo foram conquistados avanços em programas e políticas públicas que, diante da atual conjuntura, estão sendo desconstruídos com a predominância do fechamento das escolas do campo. É observado o fato de serem, as mulheres, as que mais relatam os efeitos negativos como consequência do fechamento das escolas que ainda se encontram no campo. Diante disso, essa pesquisa teve o objetivo de desvelar de que modo as formas organizativas promovida pelas dinâmicas que se estabelecem no Território da Borborema instigam a autopercepção em seus contextos sócio, político, histórico, econômico e ecológico, contribuindo para o empoderamento e autonomia destas mulheres. O processo foi realizado através de oficinas com o grupo de mulheres do Território buscando o empoderamento a partir da ênfase na educação do campo, enquanto a investigação teve como base o olhar nas formas organizativas das mulheres e nas suas dinâmicas familiares.

Palavras-chave: feminismo; movimento de mulheres; educação popular; educação do campo; agroecologia.

Keywords: feminism; women's movement; popular education; contextualized education; agroecology.

Introdução

Este trabalho é parte da sistematização do projeto de pesquisa Mulheres camponesas da Borborema: perspectivas e enfrentamentos. O intuito dessa pesquisa nasce da necessidade de entender e colaborar com o processo de empoderamento de mulheres camponesas quanto ao retrocesso presenciado com o fechamento das escolas do campo no Território da Borborema.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender como se forjam os processos organizativos com mulheres mobilizadas em torno da luta contra as violências enfrentadas no cotidiano articulando a potencialidade dessa compreensão coletiva na possibilidade de propiciar empoderamento ao que diz respeito à Educação do Campo, além de fortalecer a capacidade de mobilização e argumentação assumida por muitas pessoas, aqui enfatizamos mulheres, constantemente em luta, para não perder direitos que geram opções de continuidade de suas histórias com as gerações futuras.

A perspectiva organizacional das mulheres é interpretada nessa pesquisa, pois de acordo com Silvia e Camurça (2013) este aspecto é o grande desafio e prioridade da luta feminista. Para atingir os objetivos de transformação política do atual



modelo patriarcal e opressor com vistas a construir, desse modo, uma “nova cultura política”, o movimento tem a necessidade de fortalecer as bases da liderança democrática e o engajamento das mulheres.

Além disso, examina-se a teoria feminista devido ao seu papel de fornecer elementos teóricos sobre os princípios organizativos e a teoria explicativa da sociedade, o que fortalece os processos formativos de construção do empoderamento e engajamento das mulheres. E, no tocante às práticas organizativas do movimento de mulheres, em seus diferentes contextos e momentos, possibilitam com a contribuição de novas discussões no feminismo. Afirmamos isso a partir das autoras Silva e Camurça (2013) que caracterizam o movimento feminista e o movimento de mulheres como movimentos que se retroalimentam e se transformam continuamente.

Essa pesquisa teve o objetivo de desvelar de que modo as formas organizativas promovida pelas dinâmicas que se estabelecem no Território da Borborema instigam a autopercepção em seus contextos sócio, político, histórico, econômico e ecológico, contribuindo para o empoderamento e autonomia destas mulheres.

Metodologia

A pesquisa “Mulheres camponesas da Borborema: desafios e enfrentamentos” refere-se a um processo de formação e investigação com mulheres camponesas participantes da organização política do Território da Borborema. O processo de formação foi realizado através de oficinas com o grupo de mulheres, buscando instigar o empoderamento a partir da ênfase na educação do campo, enquanto a investigação tem como base o olhar nas formas organizativas das mulheres e nas suas dinâmicas familiares.

Quanto ao que se refere ao espaço geográfico, territorialidade e lugares para execução do projeto, devido à própria dinâmica da região e a nossa participação nela, a pesquisa foi realizada junto às mulheres mobilizadas para a “Marcha pela Vida das Mulheres e da Agroecologia”, dentro do Território Agroecológico da Borborema.

Para a construção de processos formativos e empoderadores que despertam uma consciência autônoma das mulheres foram planejadas oficinas juntamente às parcerias do projeto, as quais: AS-PTA, Polo da Borborema, Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Solânea, MST e MPA. Nesse processo, buscou-se trazer elementos e metodologias que animaram as participantes quanto a alguns aspectos, como o processo de pertencimento a escola do campo, o papel das mulheres e dos homens na educação do campo, os desafios e enfrentamentos que são encontrados no caminho dessa luta, o histórico da luta por uma educação do campo e os direitos e marcos normativos que amparam a educação do campo.

Nesta primeira etapa do projeto, as oficinas foram realizadas na escola do campo, recém fechada, na comunidade Capivara II, Solânea-PB. Na expectativa de



proporcionar um caráter participativo, foi enraizado o princípio dos Círculos de Cultura, aspecto essencial da pedagogia de Paulo Freire, formando o eixo central para a inclusão e equidade de todas as vozes, em que o diálogo se assume como o caminho para a experiência didática. Foram utilizadas e adaptadas algumas das metodologias participativas presentes no Diagnóstico Rural Participativo (DRP) de Verdejo (2006) e no Caderno de Metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico da ABA Agroecologia (2017).

As metodologias chave proporcionadas para esses momentos foram: o Mapa da Comunidade, sendo elaborados dois mapas, um com a presença da escola e outro sem ela, realizando uma reflexão dos diferentes contextos. O Rio do Tempo que teve a pretensão de desvelar memórias coletivas, incentivadas a partir de perguntas geradoras, em referência a escola do campo. O Rio da Vida pensado com base no caminho Da Casa a Escola com a intenção de investigar as dinâmicas familiares e a divisão do trabalho, reforçando aqui o trabalho doméstico, para tal, foi incentivado que as mulheres e os homens colocassem no Rio que trajetos perpassam no caminho da casa a escola, desde o despertar da família até o momento das crianças irem para a escola. E, por fim, a construção no grupo sobre os desafios e enfrentamentos que as agricultoras apresentaram em relação a escola do campo.

Quanto à metodologia, este projeto de pesquisa, seguiu e segue como base conceitual, teórica e metodológica, o pensamento **dialético**. O método dialético procura descrever o particular explicitando sua relação com o geral. Vale dizer, com o contexto econômico, político e social que circunda o ambiente do fenômeno pesquisado, nele interferindo e sendo interferente. Significa que a relação sujeito/objeto no processo do conhecimento teórico não é uma relação de externalidade. Por isso, a pesquisa e a teoria que dela resulta excluem qualquer pretensão de “neutralidade”. O papel do sujeito é fundamental no processo de pesquisa, pois ele é essencialmente ativo (NETTO, 2011, p. 23 e 25).

Dessa forma, a Pesquisa Participante é estrutura deste estudo por entendê-la como um movimento processual incessante de desconstrução e reconstrução como eixo do conhecimento, representando a essencialidade da dinâmica dialética. O pensamento dialético é formado por uma visão da realidade em constante vir a ser e aposta na politicidade do conhecimento como instrumento transformador. “A comunidade precisa tomar seu destino em suas mãos, não esperar a libertação do opressor, e fazer-se protagonista crucial de seu projeto de desenvolvimento” (DEMO, 2004, p.16). Quanto a forma de abordagem, a pesquisa é qualitativa e quantitativa, pois conforme Meksenas (2011, p. 123), se atém apenas à unidade investigada e por isso pode utilizar, simultaneamente, vários instrumentos sem dar a eles apenas um tratamento estatístico. O estudo qualitativo se aplica a uma realidade que não pode ser apenas quantificada, que envolve um universo de, por exemplo, significados, motivos, crenças, valores e atitudes, e que corresponde a uma análise mais profunda de processos inviáveis — ou mesmo impossíveis — de serem reduzidos à operacionalização de variáveis (CHIZZOTTI, 1998). Foi utilizada entrevista semi-



estruturada, o grupo focal de mulheres com o propósito de incentivar o diálogo sobre as memórias e entrevistas semiestruturadas.

Resultados e Discussão

A pesquisa realizada junto às mulheres do território da Borborema pretende desvelar de que modo as formas organizativas, promovida por várias dinâmicas que se estabelecem nesse Território e pela participação das mulheres em pesquisas participantes como essa, instigam a autopercepção em seus contextos sócio, político, histórico, econômico e ecológico, contribuindo para o empoderamento e autonomia destas mulheres, envolvendo esta pesquisa, como nos traz Brandão e Streck (2006, p. 31), “a participação popular no processo de investigação e a participação da pesquisa no correr das ações populares”.

1. Percepção das sujeitas sobre a educação do campo

Como lembra Brandão (1987) ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela. Para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Baptista (2003) refere que alguns teóricos reconhecem a dimensão geral da educação, mas enfatiza a necessidade de certos ajustes pedagógicos, sociais e políticos, por meio dos quais possa materializar-se a inserção das pessoas e dos grupos na sociedade. Para Gohn (2008b, p. 98), a educação é concebida de forma ampla e associada ao conceito de cultura, sendo assim ela afirma:

[...] a educação é abordada enquanto forma de ensino/aprendizagem e adquirida ao longo da vida dos cidadãos; pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem, de forma isolada ou em contato com grupos e organizações. A educação escolar, formal, oficial, desenvolvida nas escolas, ministrada por entidades públicas ou privadas, é abordada como uma das formas de educação.

Confirmamos isto em depoimentos como o de Umbuzeira, fruto da entrevista realizada por esta pesquisa:

A gente se baseia na primeira educação que a gente recebe lá dentro da nossa comunidade que fala dos nossos vizinhos, conta nossas histórias, faz a gente conhecer o lugar que mora, o tipo de clima, de vegetação, de fauna e faz a gente amar cada vez mais o nosso cantinho. Acho que é isso educação do campo. É o que a gente aprende com nossos pais, desde que nasce até ir pra escola e continuar lá. Isso é quebrado quando a gente vem pra [escola da] cidade, que a gente nem lembra dos nossos aprendizados, não sabe nem o que é umbu. (Umbuzeira, 2019)

É possível perceber alguns aspectos nessa fala que revelam o empoderamento relativo a educação do campo, como a valorização de uma educação para além dos muros da escola, que apresente em seus princípios um apreender contextualizado,



situando elementos do campo, como ela traz, o lugar em que se mora, o tipo de clima, de vegetação, de fauna. Percebemos também o brio sobre a ancestralidade quando ela denota a importância do ensinamento das pessoas mais velhas da comunidade. E, ainda alerta sobre os perigos de uma educação descontextualizada, o de cair no esquecimento rompendo o elo daquilo que une as gerações na comunidade.

Na perspectiva do ensino contextualizado e na valorização dos conhecimentos ancestrais, Brandão e Streck (2006, p.13) contribuem com a reflexão sobre o conhecimento, que deve ser compreendido como uma múltipla teia de e entre pessoas as envolvendo em um amplo exercício de construção de saberes a partir da ideia que todo ser humano é, em si, ato de sabedoria. As sujeitas são formadas e formam tramas com outras subjetividades na complexa interação entre tempo e espaço, levando em consideração as condições históricas.

De acordo com Maturana (2005, p.29) o educar se constitui na convivência. É através das vivências com o outro que é possível achar um ponto congruente entre os diferentes modos de vida, criando um espaço de convivência. O educar, portanto, ocorre constantemente e sempre em relação ao outro. O que acontece é que “as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem”.

A educação para Brandão (1987) não tem uma forma única, não se resume em um modelo, pois a escola não é o único lugar onde ela acontece, em mundos diversos a educação acontece, como no roçado, no quintal ao redor de casa, na criação de animais, com os vizinhos, com as pessoas mais velhas da comunidade, como conta Carrapicha em sua percepção sobre a educação.

[...] e é tão bom educação do campo porque a gente aprende tanta coisa, né. As crianças sabem o que é um pé de milho, sabem o que é um pé de feijão, sabe até prantar [plantar]. Inclusive, esse ano, meu menino mais novo já começou a prantar no roçado. Eu vou dando os caroços e ele pranta mesmo. (Carrapicha, 2019).

Conclusões

A partir dessa pesquisa junto às mulheres do Território da Borborema foi perceptível o empoderamento das mulheres e a autonomia presente nos espaços que habitam, devido ao fato de estarem organizadas em grupo e de terem participado de processos formativos ao longo do percurso de suas vidas, como catequese familiar, sindicalismo, movimento MPA, MST e AS-PTA. Muitas mulheres relataram terem saído do espaço privado para o espaço público pela primeira vez através da catequese familiar, o que desencadeou a participação em outros espaços políticos. O que demonstra o reflexo da contribuição da participação ativa em organizações locais.

Referências bibliográficas

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. Editora brasiliense – Coleção Primeiros Passos. São Paulo, 1987.

_____. **A terceira margem do Rio**: anotações e fragmentos sobre a experiência da pesquisa como um encontro. Ed. Rosa dos Ventos, 2017.

BRANDÃO e STRECK. **Pesquisa Participante**: o saber da partilha. Ed. Ideias e Letras. Aparecida, SP, 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

DEMO, Pedro. **A pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 16.

GOHN, M. G. **Abordagens Teóricas no Estudo dos Movimentos Sociais na América Latina**, 2008, p. 98.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 2005. 29 p.

MEKSENAS, P. **Considerações a Respeito do Método**. In: _____. Pesquisa Social e Ação Pedagógica: conceitos, métodos e práticas. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2011, p. 123.

SILVA, C. e CAMURÇA, S. **Feminismo e Movimento de Mulheres**. Recife: SOS Corpo, 2010.